

Projeções Econômicas para 2008 (Final)

José Carlos Cavalcanti

Professor de Economia da UFPE, ex-secretário executivo de Tecnologia, Inovação e Ensino Superior de Pernambuco (<http://jccavalcanti.wordpress.com>)



Na semana passada, ao citar as projeções sobre a economia internacional no ano que vem, chegamos à conclusão que as evidências aqui tratadas apontam para o fato de que o “*céu de brigadeiro*” que cobriu a economia global nos anos recentes parece ter deixado de existir, e um “*céu de nuvens*” está se delineando (não se sabe ainda se elas serão brancas, cinzas ou escuras!). Resta saber o que sobrou desta transição de “céus” para a economia brasileira.

Neste ano de 2007 prevíamos que teríamos “*mais do mesmo*” (mesmo de 2006) para a economia brasileira, tomando emprestado um título/mote sugestivo do jornal Valor Econômico. Como pode ser visto no [nosso comentário](#): “*Apesar da melhora dos indicadores, o Brasil ainda sofre com desequilíbrios como juros altos e gastos governamentais exponenciais. Isso trava o investimento e o PIB não deslança*”.

De fato, apesar da sensível melhora nos nossos indicadores (os números do IBGE sobre o PIB confirmam a boa fase da economia e trouxeram surpresas), esta mesma melhora passa a ser também uma notícia que começa a preocupar os analistas de plantão.

A preocupação, principalmente com o resultado do PIB (que pode chegar a um crescimento acima de 5% ao ano) é que tal expansão possa pressionar os preços (contribuindo para a elevação das taxas de inflação) antes que novos investimentos sejam capazes de viabilizar a necessária elevação da capacidade de produção (como apontou o economista Armando Castelar em recente artigo para a Folha de São Paulo).

Como pode ser observado na Figura 1 abaixo (retirada do Valor Econômico de 13/12/2007), o destaque do crescimento recente da economia brasileira é o crescimento da demanda interna: ela contribuiu com 6,8 pontos percentuais para a expansão de 5,2% registrada pelo PIB nos quatro trimestres encerrados em setembro, sendo o nível mais alto desde 1995. Já a taxa de investimento (na mesma figura), medida em valores em relação ao PIB, chegou a 18,3%, a maior para um terceiro trimestre desde o início da série no ano de 2000.

Quando decomposmos os elementos deste crescimento recente, vemos que o consumo das famílias tem sido um fator preponderante (ver Figura 2, também do Valor

Econômico de 13/12/2007), acompanhado por sua vez, pelo crescimento da formação bruta de capital fixo (FBCF) (Figura 2).

No entanto, apesar destes indicadores favoráveis de crescimento, os mesmos têm suscitado preocupações com as pressões inflacionárias. Depois de terminar 2006 em 3,14%, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) ganhou terreno neste ano, acumulando alta de 4,2% nos 12 meses terminados em novembro. O comportamento dos alimentos é a grande fonte de pressão para a inflação deste ano (ver Figura 3, retirada do Valor Econômico de 12/12/2007), e este fenômeno está dividindo os analistas.

O temor que paira nas expectativas é que neste final de ano, e início do vindouro, o Banco Central, que já sinalizou preocupações com estas pressões inflacionárias (ver última [Ata](#) da última reunião do COPOM, publicada em 13/12/2007, e que manteve a taxa Selic em 11,25% ao ano), possa voltar a subir a taxa de juros mais uma vez, e que isso comprometa a trajetória de recuperação das taxas de crescimento dos investimentos e da economia como um todo.

Além do mais, a recente devastadora derrota do governo federal ao falhar no seu intuito de prorrogar a CPMF, associada à quase total descrença na equipe econômica liderada pelo Ministro Mantega (derrotado tanto como negociador do governo e como publicamente desautorizado pelo Presidente da República nesta questão), bem como pela proximidade das eleições do ano de 2008, aumentam sensivelmente as incertezas sobre o ritmo do crescimento econômico no patamar que obteve em 2007 (tenho comentado com alguns amigos que este episódio pode ser encarado como o “início do fim do Governo Lula!”, se observarmos como se processa historicamente a nossa economia política).

Em resumo, nossa projeção final para o ano de 2008 é a seguinte. Nosso crescimento recente foi puxado pelo crescimento da **economia global** (com reflexos nos indicadores acima apontados); como o crescimento econômico internacional arrefeceu, e como internamente ainda pairam muitas incertezas sobre a condução da política econômica, mantemos nossa projeção feita para 2007, de que em 2008 teremos “mais do mesmo” do que tivemos este ano!

PS: Este é o nosso último artigo neste ano. Voltaremos a escrever para este blog na primeira quinzena de janeiro de 2008. Bom Natal a todos leitores e um Próspero 2008!

Figura 1

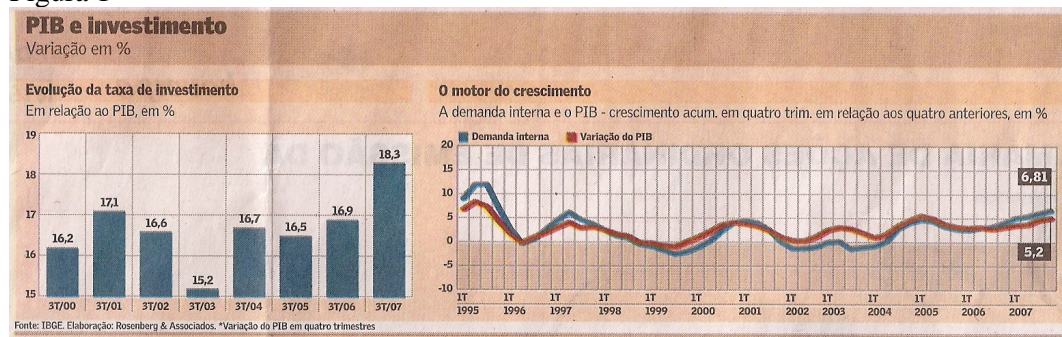
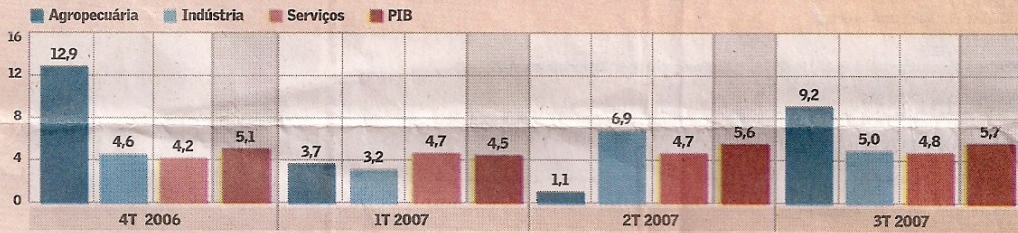


Figura 2

Comportamento da oferta

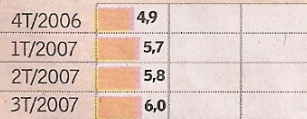
Evolução do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior - em %



Comportamento da demanda

Evolução do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior - em %

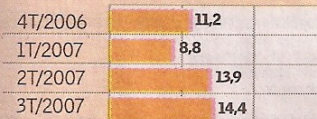
Consumo das famílias



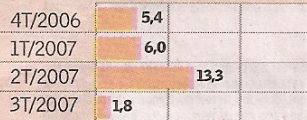
Consumo da administração pública



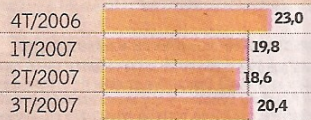
FBCF



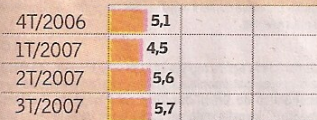
Exportação de bens e serviços



Importação de bens e serviços



PIB

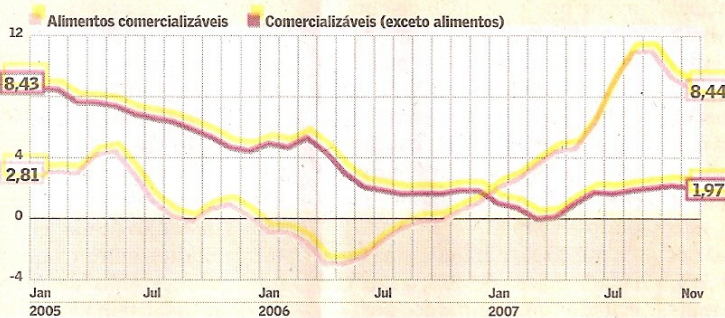


Fonte: IBGE. *Formação bruta do capital fixo

Figura 3

A pressão dos alimentos

Evolução dos componentes da inflação ao consumidor - em 12 meses (em %)



Nos 12 meses terminados em novembro, os preços de todos os bens comercializáveis acumulam alta de 4,1%.

Os não comercializáveis subiram 5,9% no período, enquanto os preços administrados aumentaram 2,3%.

Fonte: IBGE. Elaboração: LCA Consultores

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.